

REAÇÃO EM CADEIA #7

14.05.
-20.08.
2021

Rodrigo Hernández



MOON FOULARD

Curadoria
Bruno Marchand

Fidelidade Arte
Largo do Chiado, 8
1249-125 Lisboa



A ambivalência e a ambiguidade são duas características transversais do trabalho de Rodrigo Hernández (Cidade do México, 1983). Quase tudo no seu universo oscila entre estados, como se habitasse, confortavelmente, a transitoriedade. Entre o desenho, a pintura, o mural, a escultura e a instalação, as suas obras procuram deliberadamente a miscigenação ou a contaminação entre disciplinas. Por outro lado, os interesses que essas mesmas obras manifestam também estão longe de ser unívocos ou lineares. No seu universo convivem e interpotenciam-se a arte e o artesanato, a alta cultura e as manifestações populares, o passado e o contemporâneo, o privado e o político, o narrativo e o elíptico, numa lógica que dispensa hierarquias e faz da lei da atração a única regra do jogo.

A exposição que Rodrigo Hernández traz à Fidelidade Arte é disso mesmo testemunha. *Moon Foulard* é o resultado da confluência de um conjunto lato de interesses do artista, postos a girar em torno de uma figura tutelar: Emilio Pucci. Personagem controversa na história de Itália, Pucci foi capitão da força aérea italiana às ordens de Mussolini, passou a traidor na sequência do golpe de deposição do Duce, em 1943, e fez uma extraordinária carreira enquanto designer de moda a partir dos anos 1950. Nesta área, celebrizou-se por ter sido o primeiro proponente do fato de ski em peça única e pelo modo revolucionário como imaginou a utilização de estampados na alta-costura *prêt-à-porter*, combinando a introdução de tecidos leves e dúcteis com composições de pendor geométrico, feericamente coloridas. Das janelas do estúdio instalado em Capri, Nápoles, Pucci teria certamente vista privilegiada sobre o Mar Tirreno, o mesmo onde Ulisses venceu as ninfas e o seu encantamento de morte, fazendo-se amarrar ao mastro do navio

em que viajava. Compreender a mente associativa de Rodrigo Hernández é seguir o salto que o levou das sereias do Mar Tirreno ao estuário do Tejo, onde (conta a lenda, mais do que o mito) o mesmo Ulisses teria fundado – em sua honra, e após atestar a beleza inigualável da paisagem que aqui encontrou – Olissipo, hoje chamada Lisboa, a cidade onde o próprio Hernández decidiu instalar-se em 2017.

Por via deste pensamento lateral, *Moon Foulard* congrega um conjunto de elementos relacionados com a obra e com o imaginário de Pucci. A prática do ski, uma dada ideia de elegância e conforto, o lazer estival, sereias, luas e sóis, padrões e reticulados, flores e outras exuberâncias vegetais, mas, sobretudo, uma inegável apetência pelo ornamento e pelo exercício da expressão estética marcam esta exposição. O seu contexto iconográfico poderá começar e terminar em Pucci, mas o seu alcance ideológico é bastante mais vasto. Na verdade, ela pode colocar-se no trilho de uma já longa e multifacetada querela sobre o lugar da expressão estética nas realizações artísticas – debate em torno do qual se organiza toda a retórica da modernidade, desde o período romântico, e que ganhou a sua mais clara formulação quando Adolf Loos vaticinou, em 1910, que a rejeição do ornamento era sinónimo de força espiritual. *Força espiritual* é, já se vê, o eufemismo moralista para essa ideia de que a expressão estética, o exercício do gosto, do estilo, da forma, do ornamento e, em última instância, a procura pelo prazer, deve estar fora da missão supostamente progressista e socialmente comprometida da arte.

Não creio que Rodrigo Hernández tenha algo contra esta leitura supostamente progressista e socialmente comprometida da arte. Suspeito, contudo, que também não tenha nada especialmente a favor. Mais ainda, suspeito que a espiritualidade que lhe interessa em arte seja muito mais próxima daquela defendida

por Kandinsky; que o que o seu trabalho procura é a concretização do tipo de relação sensível com o mundo que Susan Sontag defendeu quando clamou por uma *erótica da arte*; que o exercício da sua liberdade criativa é um caso de construção identitária em curso e não uma resposta evidente e calculista a um qualquer debate na ordem do dia. No universo de Hernández nada é evidente ou calculista. Muito pelo contrário: o exercício da sua relação sensível com o mundo faz-se sob o signo da imaginação, da transfiguração, da metamorfose. É por isso que *Moon Foulard* é um campo onde se encontram e se confundem o artesanal e o industrial, a arte e a alta-costura, a abstração e a figuração; é o espaço de uma narrativa elíptica, feita de sugestão mais do que de momentos declarativos.

O facto de o fluxo desta exposição desembocar numa gravata encimada por uma lua não é mera casualidade. A gravata é, simultaneamente, o adorno masculino por excelência e a peça mais feminina de toda a indumentária-padrão do homem. Em certo sentido, ela é uma concessão, uma exceção no seio de um código de outro modo absurdamente controlado e restritivo. Um lenço virilizado e adestrado não pode ser senão um símbolo por excelência da ambiguidade: a promessa suspensa de um adereço, a miragem desfeita de uma autodeterminação. A qualidade paradoxal que esta peça enuncia é acentuada pela presença da lua, figura central da exposição e emblema de uma erotização transversal. No sorriso que a antropomorfiza esboça-se um comprazimento proibido, como se soubesse que a torrente caleidoscópica de motivos que o seu corpo ostenta resgata parte da liberdade que um moralismo normativo lhe nega. *Moon Foulard* é um ato de resistência. É um gesto que sabe que não há ideologia sem forma nem forma sem ideologia.

Rodrigo Hernández (Cidade do México, 1983) vive em Lisboa. Estudou na Akademie der bildenden Künste em Karlsruhe, e na Jan Van Eyck Academie em Maastricht (2013–2014).

As exposições individuais recentes incluem: Museo de Arte Moderno, Medellín (CO); CIAJG, Guimarães (PT); SCAD Museum of Art, Savannah, Georgia (USA); Sala de Arte Público Siqueiros, Mexico City (MX); Pivô, São Paulo (BR); Kunsthalle Winterthur (CH); Midway Contemporary, Minneapolis (EUA); SALTS, Basel (CH); Heidelberger Kunstverein (DE), Bonnefantenmuseum Maastricht (NL).

Coleções institucionais: Museum Haus Konstruktiv, Zurich (CH); Nouveau Musée National de Monaco (MC); Basel Stadt Kunstsammlung (CH); Centro de Arte Dos de Mayo / Fundación ARCO Madrid (ES); Museo Amparo (MX).

<http://www.rodrigo-hernandez.net/>

CURADORIA

Bruno Marchand

ASSISTENTE DE CURADORIA

Sílvia Gomes

COORDENADOR DE PRODUÇÃO

António Sequeira Lopes

APOIO À PRODUÇÃO

Fernando Teixeira

MONTAGEM

Torrada Construções

Joana Garrido

Maria Azevedo

Ricardo Leite

Rute Delgado

Sílvia Santos

DESIGN GRÁFICO

Márcia Novais

AGRADECIMENTOS

Galeria Madragoa, Lisboa

Reação em Cadeia é o título do projeto que resulta da colaboração entre a Fidelidade Arte e a Culturgest, com curadoria de Delfim Sardo (2019–2020) e Bruno Marchand. A proposta consiste em implicar os artistas na seleção dos seus pares, que irão suceder-lhes no espaço da Fidelidade Arte, em Lisboa (primeiro), e da Culturgest Porto (em seguida).

Cada ano conta com intervenções de três artistas, que conhecem diferentes declinações em cada espaço, nomeadamente com a presença de obras diferentes, resultado de profundas adaptações dos projetos à diferente natureza das duas galerias.

Serão publicados três livros, um por cada ano do ciclo, que compilarão a memória dos projetos apresentados, com extensa documentação sobre o seu desenvolvimento.

O ciclo iniciou-se em 2019 com um programa que, cumprindo com esta lógica de sucessão, contou com a participação dos seguintes artistas:

2019

#1 Ângela Ferreira (Moçambique, 1958)

#2 Jimmie Durham (EUA, 1940)

#3 Elisa Strinna (Itália, 1982)

2020

#4 Evan Roth (EUA, 1978)

#5 Alicia Kopf (Espanha, 1982)

#6 Las Palmas (Portugal)

2021

#7 Rodrigo Hernández (México, 1983)

Próximo artista / setembro 2021

#8 Silvia Bächli (Suíça, 1956)



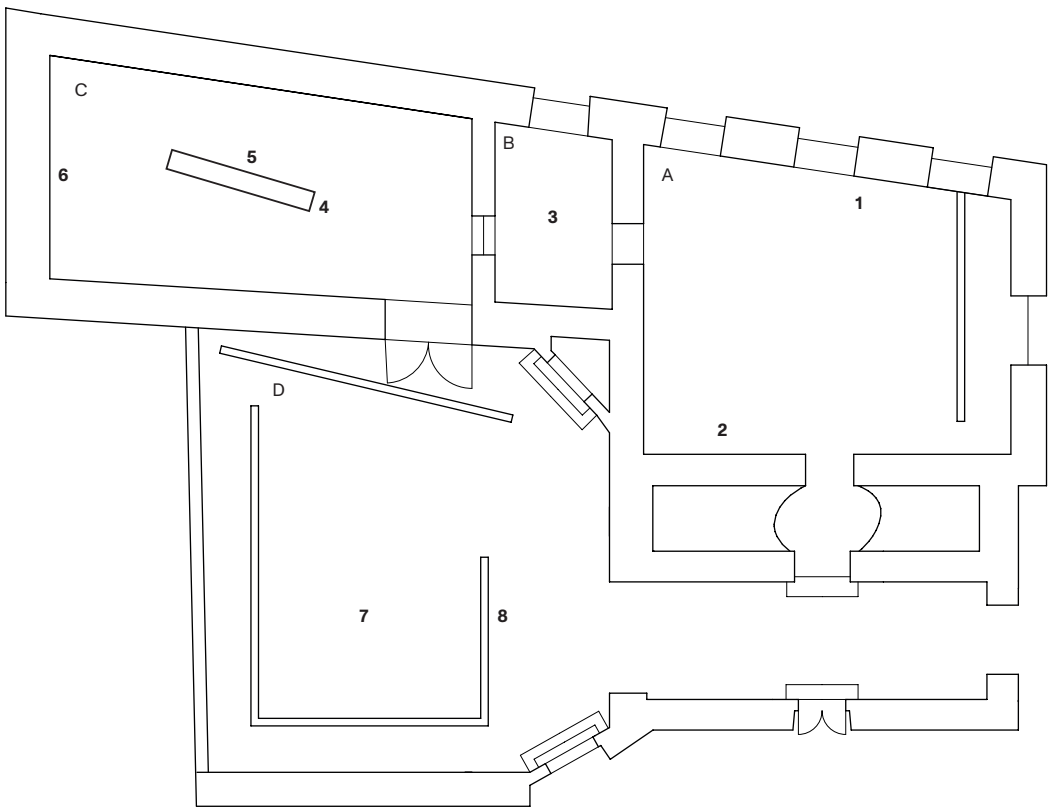
**14.05. — 20.08.
2021**

Largo do Chiado, 8
1249–125 Lisboa



**24.09. — 05.12.
2021**

Av. dos Aliados, 104
4000–065 Porto



Sala / Room A

1

Desenho mural, 2021

Impressão digital sobre fita adesiva e tinta acrílica sobre parede

Digital print on adhesive tape and acrylic paint on wall

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

2

A Complete Unknown, 2019

Papel machê, pintura acrílica, pigmento e gesso

Papier-mâché, acrylic paint, pigment and plaster

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

Sala / Room B

3

Moon Foulard (Vivara), 2021

Cartão, papel machê, pintura a óleo e tinta metálica

Cardboard, papier-mâché, oil paint and metallic ink

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

Sala / Room C

4

Moon Tie, 2021

Cartão, papel machê, pintura a óleo e tinta metálica

Cardboard, papier-mâché, oil paint and metallic ink

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

5

Desenho mural, 2021

Tinta acrílica sobre parede

Acrylic paint on paper

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

6

«Moi, réfléchissant sur la peinture», 2021

Acrílico sobre tela

Oil on canvas

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

Sala / Room D

7

Moon Foulard (Emilio) 1–5, 2021

Lápis de cor, tinta acrílica, aguarela e tinta da China sobre papel

Colored pencils, acrylic paint, watercolor and Indian ink on paper

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

8

Moon foulard (Olas), 2021

Papel machê, pintura acrílica, pigmento e gesso

Papier-mâché, acrylic paint, pigment and plaster

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

CHAIN REACTION #7

14.05.
-20.08.
2021

Rodrigo Hernández



MOON FOULARD

Curator
Bruno Marchand

Fidelidade Arte
Largo do Chiado, 8
1249-125 Lisboa



Ambivalence and ambiguity are two pervasive characteristics in the work of Rodrigo Hernández (Mexico City, 1983). Almost everything in his universe oscillates between states, as if comfortably inhabiting transience. Between drawing, painting, mural, sculpture and installation, his works deliberately seek miscegenation or contamination between disciplines. On the other hand, the interests demonstrated by these same works are also far from univocal or linear. In his universe, art and craft, high culture and popular expression, the past and the contemporary, the private and the political, the narrative and the elliptical coexist and strengthen one another, in a logic which dispenses with hierarchies and makes the law of attraction the only rule of the game.

The exhibition Rodrigo Hernández brings to Fidelidade Arte bears witness to this. *Moon Foulard* is the result of the confluence of a broad set of the artist's interests, made to revolve around a tutelary figure: Emilio Pucci. A controversial personality in Italian history, Pucci served as a captain in the Italian air force under Mussolini, was involved in the Duce's deposition, in 1943, and pursued an extraordinary career as a fashion designer starting in the 1950s. In this area, he became famous for being the first proponent of the one-piece ski suit and for the revolutionary way he imagined the use of prints in ready-to-wear haute couture, combining the introduction of light, stretch fabrics with fantastically coloured geometric compositions. From the windows of his studio in Capri, Naples, Pucci would have certainly had a spectacular view over the Tyrrhenian Sea, the same where Ulysses overcame the sirens and their fatal enchantment, having himself tied to the mast of the ship he was travelling in. To understand the associative mind of Rodrigo Hernández is to follow the leap which led him from the

sirens of the Tyrrhenian Sea to the Tagus Estuary, where (according to legend, rather than myth) Ulysses himself would have founded – in its honour, after witnessing the unparalleled beauty of the landscape he found there – Olisipo, now called Lisbon, the city where Hernández decided to settle in 2017.

By way of this lateral thinking, *Moon Foulard* brings together a group of elements related to the work and imagination of Pucci. This exhibition is marked by the practice of skiing, a given idea of elegance and comfort, summer leisure, sirens, moons and suns, patterns and reticula, flowers and other lush vegetation, but, in particular, an undeniable appetite for ornament and for the exercise of aesthetic expression. Its iconographic context may begin and end with Pucci, but its ideological scope is considerably broader. In fact, it can be situated within the trajectory of an already long-standing dispute about the place of aesthetic expression in artistic production – a debate around which all the rhetoric of modernity was organised, from the romantic period onwards, and which found its clearest expression when Adolf Loos prophesied, in 1910, that rejection of ornament was synonymous with spiritual strength. *Spiritual strength* is, of course, the moralist euphemism for this idea that aesthetic expression, the exercise of taste, of style, of form, of ornament and, ultimately, the pursuit of pleasure, should not be part of the supposedly progressive and socially engaged mission of art.

I do not think that Rodrigo Hernández has anything against this supposedly progressive and socially engaged reading of art. I suspect, however, that he is not particularly in favour of it either. What is more, I suspect that the spirituality that interests him in art is much closer to that advocated by Kandinsky; that what his work seeks is the realisation of the type of sensitive relationship with the world that Susan Sontag defended when she clamoured for an

erotics of art; that the exercise of his creative freedom is a case of ongoing identity construction and not an evident and calculated response to whatever debate is the order of the day. In Hernández's universe nothing is evident or calculated. On the contrary: the exercise of his sensitive relationship with the world is characterised by imagination, by transfiguration, by metamorphosis. This is why *Moon Foulard* is a field where the artisanal and the industrial, art and haute couture, abstraction and figuration meet and merge; it is the space of an elliptical narrative, made of suggestion rather than declarative moments.

The fact that the flow of this exhibition leads to a tie with a moon on top is not a mere accident. The tie is, simultaneously, the ultimate masculine adornment and the most feminine piece of all standard men's clothing. In a sense, it is a concession, an exception at the heart of an otherwise absurdly controlled and restrictive code. A tamed, masculinised scarf has to be an ultimate symbol of ambiguity: the suspended promise of an accessory, the dismantled illusion of a self-determination. The paradoxical quality this piece conveys is accentuated by the presence of the moon, a central figure in the exhibition and the emblem of a cross-cutting eroticisation. Its anthropomorphic smile suggests a forbidden satisfaction, as if it knew that the kaleidoscopic torrent of motifs displayed on its body recovers some of the freedom it has been denied by a normative moralism. *Moon Foulard* is an act of resistance. It is a gesture which knows there is no ideology without form and no form without ideology.

Rodrigo Hernández (Mexico City, 1983) lives in Lisbon. He studied at the Akademie der bildenden Künste in Karlsruhe, and at Jan Van Eyck Academie in Maastricht in 2013–2014.

His recent solo exhibitions include: Museo de Arte Moderno, Medellín (CO); CIAJG, Guimarães (PT); SCAD Museum of Art, Savannah, Georgia (USA); Sala de Arte Público Siqueiros, Mexico City (MX); Pivô, São Paulo (BR); Kunsthalle Winterthur (CH); Midway Contemporary, Minneapolis (USA); SALTs, Basel (CH); Heidelberger Kunstverein (DE), Bonnefantenmuseum Maastricht (NL).

Public collections: Museum Haus Konstruktiv, Zurich (CH); Nouveau Musée National de Monaco (MC); Basel Stadt Kunstsammlung (CH); Centro de Arte Dos de Mayo / Fundación ARCO Madrid (ES); Museo Amparo (MX).

<http://www.rodrigo-hernandez.net/>

CURATOR

Bruno Marchand

CURATORIAL ASSISTANT

Sílvia Gomes

PRODUCTION COORDINATOR

António Sequeira Lopes

PRODUCTION ASSISTANT

Fernando Teixeira

INSTALLATION

Torrada Construções

Joana Garrido

Maria Azevedo

Ricardo Leite

Rute Delgado

Sílvia Santos

GRAPHIC DESIGN

Márcia Novais

ACKNOWLEDGEMENTS

Galeria Madragoa, Lisboa

Chain Reaction is the title of the project resulting from a collaboration between Fidelidade Arte and Culturgest, curated by Delfim Sardo (2019–2020) and Bruno Marchand. The proposal consists of involving artists in the selection of their peers, who will follow them (first) at Fidelidade Arte and (subsequently) at Culturgest Porto.

Each year features exhibitions by three artists. Due to the necessary adaptation to the specificity of the venues, two versions of their projects will be presented.

Three books will be published, one for each year of the cycle, compiling the memory of the projects presented, with extensive documentation of their development.

The cycle began in 2019 with a program that, following this logic of succession, has had the participation of the following artists:

2019

#1 Ângela Ferreira (Mozambique, 1958)

#2 Jimmie Durham (USA, 1940)

#3 Elisa Strinna (Italy, 1982)

2020

#4 Evan Roth (USA, 1978)

#5 Alicia Kopf (Spain, 1982)

#6 Las Palmas (Portugal)

2021

#7 Rodrigo Hernández (Mexico, 1983)

Upcoming artist / September 2021

#8 Silvia Bächli (Switzerland, 1956)



14.05.—20.08.

2021

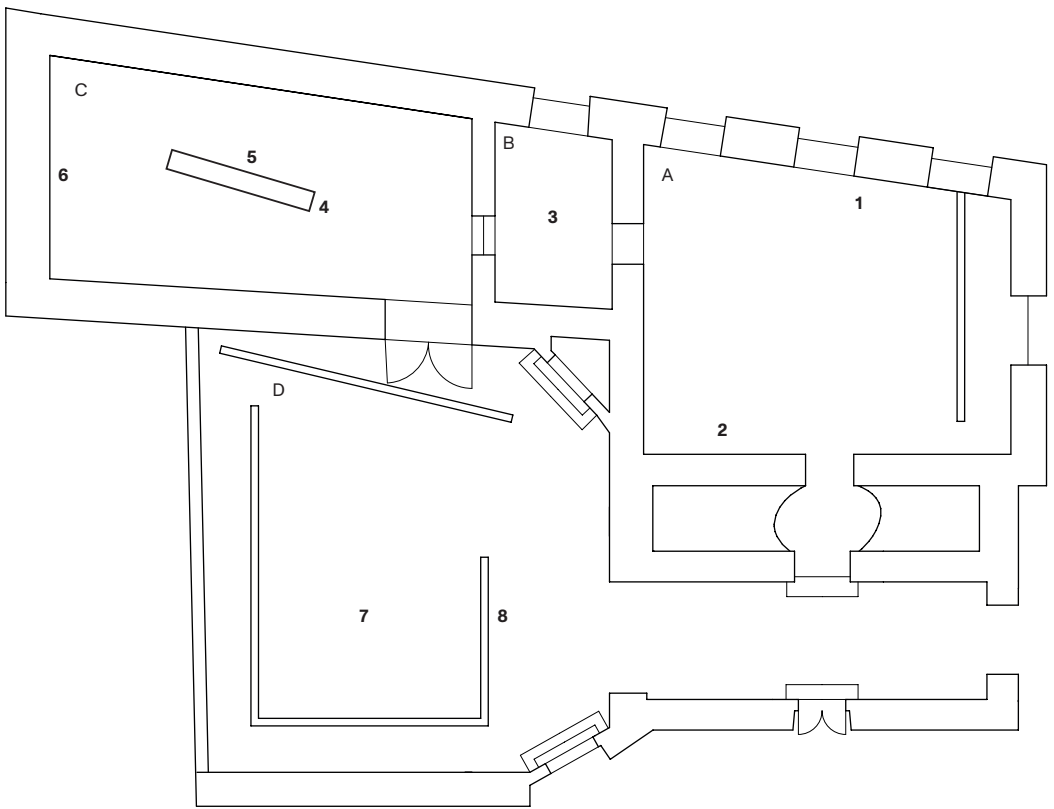
Largo do Chiado, 8
1249–125 Lisboa



24.09.—05.12.

2021

Av. dos Aliados, 104
4000–065 Porto



Sala / Room A

1

Desenho mural, 2021

Impressão digital sobre fita adesiva e tinta acrílica sobre parede

Digital print on adhesive tape and acrylic paint on wall

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

2

A Complete Unknown, 2019

Papel machê, pintura acrílica, pigmento e gesso

Papier-mâché, acrylic paint, pigment and plaster

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

Sala / Room B

3

Moon Foulard (Vivara), 2021

Cartão, papel machê, pintura a óleo e tinta metálica

Cardboard, papier-mâché, oil paint and metallic ink

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

Sala / Room C

4

Moon Tie, 2021

Cartão, papel machê, pintura a óleo e tinta metálica

Cardboard, papier-mâché, oil paint and metallic ink

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

5

Desenho mural, 2021

Tinta acrílica sobre parede

Acrylic paint on paper

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

6

«Moi, réfléchissant sur la peinture», 2021

Acrílico sobre tela

Oil on canvas

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

Sala / Room D

7

Moon Foulard (Emilio) 1–5, 2021

Lápis de cor, tinta acrílica, aguarela e tinta da China sobre papel

Colored pencils, acrylic paint, watercolor and Indian ink on paper

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa

8

Moon foulard (Olas), 2021

Papel machê, pintura acrílica, pigmento e gesso

Papier-mâché, acrylic paint, pigment and plaster

Cortesia do artista e / Courtesy of the artist and Galeria Madragoa, Lisboa